

VISÃO DO CORREIO

COP28 é importante, mas insuficiente

Realizada em Dubai desde 30 de novembro, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2023 — mais conhecida pela sigla COP28 —, reúne mais de 200 países para discutir a crise climática e tentar buscar soluções para os graves efeitos que ela vem causando no mundo. Afinal de contas, o momento é crítico: 2023 foi confirmado como o ano mais quente no planeta desde o início das medições oficiais, e eventos climáticos extremos estão aumentando tanto em frequência quanto em intensidade. Que o diga o Brasil, que enfrenta neste ano uma seca histórica na Amazônia, tornados e enchentes no Sul e ondas de calor no Sudeste e Centro-Oeste.

Na conferência, vários discursos de autoridades — inclusive do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva — ressaltaram a gravidade do momento que o planeta atravessa, uma vez que a elevação das temperaturas globais vem afetando a economia dos países, causando uma perda acelerada de biodiversidade e interferindo profundamente na vida das pessoas. Também foram feitos anúncios relevantes, como a promessa de 110 países (Brasil incluído) de triplicar até 2030 a produção de energia renovável, o compromisso dos Estados Unidos (EUA) de parar de usar carvão — responsável por cerca de 40% das emissões de combustíveis fósseis — nas suas usinas até 2035 e a criação de um fundo bilionário para apoiar as regiões mais afetadas pela crise climática.

São iniciativas e medidas importantes. Mas o mundo verde das conferências e dos debates vem se mostrando muito diferente do real, que segue firme no uso dos combustíveis fósseis e não demonstra muita vontade de parar — pelo contrário. Um exemplo desse descompasso é a própria COP, que é realizada anualmente desde 1995, mas que

provocou pouco ou quase nada em termos de ação efetiva para frear as emissões dos gases do efeito estufa. Outro exemplo do descolamento entre promessa e realidade é o Acordo de Paris, fechado em 2015 e que pretendia limitar o aumento da temperatura global a 1,5°C. Oito anos depois, o mundo caminha a passos largos para um aumento entre 2,5°C e 3°C, o que representa um aumento nos eventos climáticos extremos de proporções ainda inimagináveis.

Os encontros e as cúpulas são importantes, claro. É na discussão aberta e na troca de ideias que surgem as soluções inovadoras. Na COP28, os representantes de diferentes países podem compartilhar conhecimentos, experiências e perspectivas, promovendo um entendimento mais profundo das complexidades envolvidas na mitigação dos efeitos da crise climática. Mas faltam ações, medidas sérias e obrigatórias que não estejam ao sabor do vento político de cada país, como a retirada, um tanto quanto abrupta, dos EUA do Acordo de Paris pelo ex-presidente Donald Trump em 2017. Por enquanto, ninguém assumiu, de forma clara e evidente, compromissos concretos e ações imediatas, como um plano com metas e um cronograma de curto prazo para a eliminação do uso de combustíveis fósseis, com uma punição severa para o país que descumprir o acordado.

Mas, como os problemas climáticos do Brasil deixaram claro, é urgente que a mudança comece para valer. Chegou o momento de os líderes mundiais deixarem de lado a retórica vazia e abraçarem a responsabilidade coletiva. A COP28 não pode ser apenas palco para discursos; deveria ser o catalisador para a transformação global. O futuro do planeta depende da capacidade de agir agora, de maneira decisiva e unificada, para garantir um ambiente sustentável para as gerações futuras. Não há mais tempo a se perder.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

A fera

Precisamos nos reconciliar com a nossa origem animal. Não para retroceder no processo civilizatório, mas para que, conscientes da fera potencial que dormita dentro de cada um de nós, sejamos capazes de dominá-la e de mantê-la sob controle. O hominídeo que nos deu origem era um animal irracional, absolutamente desprovido de recursos orgânicos capazes de garantir sobrevivência na selva: sem presas e boca grande para matar, sem garras para rasgar, sem chifres ou cornos para atacar, sem cascos nos pés, sem couraça protetora, sem pelos para aquecer, gerando filhos lentos e dependentes, deve ter sido, por milênios, a caça predileta dos carnívoros e ter assistido, por milhares de vezes, absolutamente impotente e horrorizado, a filhos e membros do grupo serem trucidados e devorados. Foi nessas condições de completo desamparo que ele forjou os instintos de sobrevivência que, de algum modo, lá no fundo do inconsciente, todos herdamos. Um dia, esse hominídeo se deu conta de que tinha consciência e de que podia pensar e, com isso, passou a articular o trabalho do grupo, a produzir armas e, vingativo, tornou-se o mais terrível predador que já pisou na face da Terra. Depois, muito tempo depois, percebeu que pensar lhe facultava outro destino: em síntese, o que hoje denominamos civilização. Sem considerar a presença dessa fera potencial e sem entender que civilização significa superar instintos pela vigência plena da razão, continuaremos a ser comandados por mentes primitivas incapazes de promover o florescimento da razão superior que tipifica o humano.

» **Rubi Rodrigues**
Octogonal

Direitos indígenas

Lamentável que alguns columnistas do **Correio** tenham uma visão torpe e equivocada sobre a questão indígena neste país. Não reconhecem que os povos originários tenham sido vítimas das agressões históricas e contumazes dos colonizadores e da sociedade contemporânea. Defendem o marco legal, uma tese criada para favorecer invasores, grileiros e latifundiários que pouco, ou nada, contribuam para um país com justiça social. Revelam grave ignorância sobre a importância dos povos indígenas como guardiões das florestas e dos recursos naturais, somando força para o etnocídio, estimulando, com muita ênfase pelos recentes governos anteriores, apesar de ser uma violência desde que os colonizadores europeus pisaram em terras brasileiras. O marco temporal quer tornar o vilão agressor, de índole assassina, vítima. Uma inversão maldosa que, se prosperar, signifique perdas de

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Juiz acha que é Deus. A sua excelência de Xanxerê tem certeza que é.

P.S. Atenção STF: não processe o jornal por este desabafo. A culpa é toda minha.

Ludovico Ribondi — Noroeste

A franzina e brejeira skatista maranhense Rayssa Leal é nosso orgulho nacional.

Vicente Limongi Netto — Lago Norte

O governo falar que atuará pelo fim dos combustíveis fósseis na Opep+ é o mesmo que dizer que defenderá a economia verde na indústria de carvão.

Marcos Gomes Figueira — Sudoeste

Dizeres curiosos no frontispício de uma instituição em Évora, Portugal: “Os ossos, que aqui estamos, esperamos pelos vossos”.

Isola, mangalô três vezes!

Lauro A. C. Pinheiro - Asa Sul

vidas como testemunhamos, no início do ano, na Reserva Indígena Yanomami, em Roraima, pelas ações criminosas de garimpeiros, sustentados pelo crime organizado. Neste domingo, ao ler um artigo, favorável aos invasores, ocupantes ilegais de terra indígena, percebo que o autor/a é um ser impiedoso, que advoga a favor de atividades e atitudes criminosas e inconstitucionais, que resultam no aumento da mortalidade entre os povos originários e tradicionais. É triste e, ao mesmo tempo, repulsante constatar o quanto a maldade, a falta de solidariedade e de respeito contaminam os que se sentem parte de uma elite desumana e antiética.

» **Leonora Lima**
Núcleo Bandeirante

Justiça

Na Alemanha nazista, havia um juiz chamado Roland Freisler. Em julgamentos espalhafatosos, condenou à morte vários réus que se atrevessem a atentar contra o “espírito do povo”, um tipo de noção eclética e vaga, tal qual “Estado Democrático de Direito” e “dignidade da pessoa humana”. O mundo evoluiu um pouco dos anos 1930 para hoje: conceitos jurídicos vagos continuam existindo e juizes não foram substituídos por robôs. Continuam sendo seres humanos com os mesmos defeitos e qualidades que qualquer um de nós. As vezes, ultrapassam o limite do razoável, como aconteceu esses dias, em Santa Catarina. A ideia de uma decisão judicial injusta é uma contradição por si só, pois a Justiça existe para ser justa, não para exacerbar o que é injusto e errado. Por isso, a imparcialidade é o princípio maior da atividade judicante e afastada da atividade política, que, em sentido totalmente oposto, tem na parcialidade e defesa de seus ideais os cerne desta função. É possível ser imparcial havendo convicções políticas firmes? Creio que sim, pois todos nós temos nossas convicções. Todavia, e quando essas convicções são públicas e notórias, será possível julgar algo que já defendemos sob os holofotes de estar na maior e mais pressionada corte judicial do país? Ora, o Supremo Tribunal Federal precisa de juizes polidos, e não de juizes políticos ou de políticos juizes. Assim, por mais que tenha notório saber jurídico e até reputação ilibada, a escolha de Flávio Dino, mais uma vez, contraria o senso comum e a crítica que o próprio Lula fez na campanha contra Bolsonaro, de que colocar amigo e companheiro no STF é retrocesso. Mas sabemos que Lula é um mitômano contumaz, e não se escreve o que ele diz. Do estranho voto de Jaques Wagner à reação desproporcional dos ministros do STF à PEC que limitou as decisões monocráticas (desproporcional porque nem as limitou tanto assim, ante os dizeres do Regimento Interno do tribunal), agora a conta fecha: a composição estava feita e Dino será aprovado com facilidade no Senado.

» **Ricardo Santoro**
Lago Sul



ROSANE GARCIA
rosanegarcia.df@dabr.com.br

Dramas previsíveis. Punição zero

Maceió, capital alagoana, enfrenta uma das maiores tragédias de sua história, devido à mineração descuidada em área urbana. Aparentemente, houve desprezo aos critérios técnicos. Talvez foram ignoradas possíveis avaliações sobre os impactos e as consequências da atividade mineradora em busca do sal-gema em uma região frágil, com elevada densidade demográfica. Hoje, com a evolução tecnológica, parece improvável que a catástrofe não fosse previsível.

As rachaduras no solo surgiram cinco anos atrás — indicio forte de que algo fora do controle estava ocorrendo. O empreendimento voltado à extração do sal-gema, a 1.200m de profundidade, não poderia ser interrompido. Afinal, tratava-se de obter a matéria-prima para o PVC, e outros produtos essenciais às indústrias do país. A ameaça anunciada poderia ser importante, mas o essencial seria atender os clientes.

Alguns parlamentares do Congresso Nacional querem a abertura de uma CPI para apurar responsabilidades do episódio em Alagoas. Em véspera de ano eleitoral, não é difícil supor quais interesses estão por trás desse ávido desejo. Não esqueçamos que a CPI da Covid-19 resultou em prêmios aos responsáveis diretos e indiretos pela morte de mais de 700 mil brasileiros, que deixou quase 50 mil órfãos. No fim, muitos culpados

foram guindados ao cargo de legisladores, com todos os privilégios e benefícios financeiros garantidos a deputados e a senadores.

No campo da mineração, a maior tragédia ambiental ocorreu em Mariana (MG), sete anos atrás, com o rompimento de uma barragem, que destruiu a cidade, matou 19 pessoas e desalojou centenas de famílias. Até hoje, a Justiça não puniu os responsáveis. A CPI não resultou em nenhuma consequência à empresa. Em seguida, em Brumadinho (MG), houve outro rompimento de barragem da mesma mineradora, com 272 mortes e prejuízos ambientais, sociais e econômicos para os moradores. Punição? Ninguém foi punido. Muitas famílias esperam, sem grandes esperanças, as indenizações prometidas. Poderosas bancas de advogados conseguem postergar decisões favoráveis às vítimas nos tribunais.

Na capital alagoana, por precaução, a mineradora, com apoio do poder público local, retirou todas as famílias das casas que podem ser afetadas com a movimentação das camadas do solo. Não haverá perda de vida humana. E quanto às outras perdas? Onde essas famílias serão realocadas, em quais condições? Quem as indenizará pelos bens e patrimônio perdidos? Indagações que, provavelmente, não serão respondidas.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211 - Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associados@uaigiga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalf@uaigiga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/ MG; Tel: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabrazil.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 508 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/ RS; Tel: (51) 3231-6287; E-mail: hmr@hrmmultimedia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exitô Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C/2, Jardim Pinalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 3912-6119. Brasília: SÁ Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio e Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correiowb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opinioao.df@dabr.com.br || 3214-1157

VENDA AVULSA			ASSINATURAS *
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			RS 837,27
DF/GO	RS 4,00	RS 6,00	360 EDIÇÕES (promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG/Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

DA LOG
Agenciamento de Publicidade